

Memórias Narradas: A História de Uma Mulher Migrante do Norte de Minas¹

Maria Eduarda Souza Oliveira²

Palavras-Chave: Migração; Memória; Trabalho doméstico.

Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida em um cenário encantado de sertão, num sentido que abarca povos, suas identidades, modos de vida, encantamentos e lutas. A protagonista desta história, dona Raimunda, conta através de suas memórias as complexidades das quais perpassam o fenômeno da migração, especialmente a migração de uma mulher sertaneja que se desloca em busca de trabalho, e principalmente as motivações e forças exteriores que influenciam sua jornada, expondo sua vida como uma inesgotável fonte de conhecimento sobre as estruturas sociais que nos cercam.

A visita a Ponto Chique, cidade de dona Raimunda, foi feita com o propósito de auxiliar uma amiga e companheira do Opará-Mutum/CNPq-UNIMONTES, Thaisa Almeida, em uma sessão de grupo focal³, a convite de nossa orientadora, a Prof.^a. Dr.^a. Andréa Narciso, para o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado. Em Agosto de 2022 viajamos de Montes Claros para o Vale do Jequitinhonha e Mucuri adentro, chegando em Ponto Chique, nos preparamos para a sessão de grupo focal, onde conheci dona Raimunda. Ao escutar sua história, observei a importância da memória para compreendermos alguns dos fenômenos sociológicos, antropológicos e políticos, e

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Cientista Social graduada pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, com bolsa de amparo à pesquisa CNPq, vinculada ao projeto “Articulação de saberes, resistência e impactos de grandes empreendimentos em comunidades tradicionais na BA, RN, PE, MG e ES”, e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco – OPARÁ-MUTUM.

³ O grupo focal foi organizado por Thaísa com o propósito de escutar as histórias das mulheres de da cidade e suas memórias, mas inicialmente tratava-se de um grupo de Terapia comunitária, desenvolvida junto da equipe (técnica de referência, orientadoras e facilitadoras de oficinas) do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos/SCFV do Centro de Referência de Assistência Social/CRAS, na cidade, onde encontros realizados no Centro de Convivência da cidade eram um meio de intervenção social. Assim, as sessões ofereciam aos habitantes de Ponto Chique um espaço de troca de interações de sociabilidade, conversas sobre saúde mental e também momentos de descontração. No entanto as atividades iniciadas por Thaísa foram pausadas devido ao crescente número de casos de Covid-19, evitando colocar em risco a saúde, principalmente dos idosos presentes nas rodas, e foram retomadas no ano de 2022 como uma forma de reintegração social após o período de reclusão que restringiu as relações sociais com a finalidade de garantir a integridade e a saúde de todos.

compreender que nos relatos orais é possível “[...] conservar a narração uma vivacidade de que o simples registro no papel as despojava, uma vez que a voz do entrevistado, suas entonações, suas pausas, seu vaivém no que contava, constituíam outros tantos dados preciosos para o estudo” (Queiroz, 1987, p. 2).

A história de Dona Raimunda é um relato importante para a compreensão dos processos migratórios no meio rural brasileiro, sendo ela mesma, uma mulher do sertão mineiro que traz consigo, em suas memórias, fragmentos importantes para compreendermos as relações sociais e políticas, como também a identidade do agente social que transforma o meio em que vive. Ela narra as recordações de infância, quando já trabalhava na fazenda e ajudava nos afazeres da casa, como nos descreve:

“Eu só não tinha tamanho, mas eu trabalhava. Aí ele (o fazendeiro) falava assim “Sua filha fica lá sozinha, porque cê não traz pra cá” aí eu ia pra lá, eu ajudava eles varrer casa, lavar vasilha, socar arroz, socar milho...fazia tudo, tudo”.

Foi em meio a essa conversa com Dona Raimunda, sentadas em um banco na cozinha de sua casa, que eu percebi não só a importância de seu relato para fins acadêmicos, mas o quão importante foi para ela contar sua história de vida. Segundo Benjamin *apud* Chauí (1994, p. 18) ao observar que: “Eis porque, recuperando a figura do cronista contra a do cientista da história, Benjamin afirma que o segundo é uma voz despencando no vazio” e completa “enquanto o primeiro crê que tudo é importante, conta e merece ser contado, pois todo dia é o último dia. E o último dia é hoje” (Benjamin *apud* Chauí, 1994).

Assim, o objetivo geral de minha pesquisa foi compreender as particularidades da migração da mulher sertaneja que sai do campo para trabalhar como doméstica nos grandes centros urbanos, sendo os objetivos específicos: identificar as abordagens teóricas acerca da migração feminina no Brasil e suas complexidades; discutir as narrativas vividas e relatadas pela mulher norte mineiras que migra com a finalidade de desempenhar o trabalho doméstico e descrever as narrativas contra hegemônicas sobre o processo migratório dessa mulher, migrante e trabalhadora doméstica.

E a partir disso, compreender através da reflexão em torno da migração feminina no Norte de Minas Gerais com a finalidade para o trabalho doméstico? Qual a relevância da memória para a observação de fenômenos sociais como a migração feminina?

Descrevendo caminhos: Objetivos e métodos do trabalho desenvolvido

A pesquisa foi desenvolvida através de um olhar interdisciplinar para obter as respostas para as questões levantadas neste trabalho, procurando analisar o processo migratório através das histórias de mulheres que migraram do rural para o trabalho doméstico nas cidades.

Pensando a migração como um fato social total, conforme aponta Sayad (1998, p.16), que abrange todas as dimensões da vida do sujeito, é imprescindível que seja verificado, de acordo com o escopo deste trabalho, como esse Fato Social se relaciona com o marcador social de Gênero, que consiste no cerne da pesquisa. Propus observar o fenômeno migratório através da mulher migrante, que sobrevive por meio do trabalho doméstico como moeda de barganha para a garantia da sobrevivência durante o trajeto e no seu local de estadia temporária ou permanente.

Desta forma, procurei estabelecer uma dinâmica de troca de saberes e conhecimentos, onde as mulheres migrantes tiveram um papel ativo na narração de suas histórias, buscando realizar uma pesquisa socioantropológica. Para esse intuito, é preciso assegurar a vigilância epistêmica, e desatar a idealização hierárquica entre pesquisador e seu “objeto de estudo”, conforme a crítica levantada anteriormente.

Como observa Pierre Bourdieu em seu ensaio Efeitos de lugar (1997): “Não se podem romper com as falsas evidências e com os erros inscritos no pensamento substancialista dos lugares a não ser com a condição de proceder a uma análise rigorosa das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico”.

Assim, para a pesquisa me apoiiei no uso de técnicas etnográficas com o intuito de compreender as multiplicidades das estruturas complexas que permeiam o fenômeno da migração. O antropólogo Clifford James Geertz (1998) afirma que: “A etnografia é estabelecer relações [...], transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” e ressalta “Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle” (p.15), assim favorecendo o exercício de olhar, observar, escutar e registrar.

A etnografia permite mergulhar nas possibilidades e respostas que o campo poderá oferecer, Magnani (2002) ressalta a importância de observar as dinâmicas sociais

e culturais resgatando “[...] um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe.” (p. 12), buscando nos atores e com os atores as respostas para as questões aqui levantadas, deixando de lado, de forma rígida e franca, ou estratificação entre pesquisador e objeto de estudo/interlocutores.

No que antecedeu a visita a campo, foi importante a elaboração de um roteiro de entrevista semiestruturada, possibilitando às entrevistadas a liberdade de narrar os fatos conforme achar necessário, utilizando as perguntas apenas como forma de iniciar o diálogo. A entrevista semiestruturada é elaborada “[...] em torno de um conjunto de questões abertas pré-determinadas, com outras questões emergindo a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado” (DiCicco-Bloom; Crabtree, 2006, p. 315) conduzindo a coleta de dados para a pesquisa.

Voltando a atenção da pesquisa científica para as histórias de indivíduos que se observam como indivíduos que não pertencem a história oficial, pois “Ao pensarmos em estudar os discursos e as memórias, utilizamos a história oral, que é uma construção de diferentes tempos da memória” e dessa forma “valorizar as múltiplas experiências contidas nas diferentes formas de se fazer, refletidas pela cultura oral que é uma vivência, um estar no mundo, o modo de vida dos sujeitos sociais” (Domingues; Carrozza, 2013, p.144)

Dessa forma, o exercício da rememoração das histórias expostas nas gravações cedidas pelas entrevistadas, trata-se de registros de grande importância para aprender sobre micro relações e outras compreensões acerca da vida social, para Maria Isaura de Queiroz (1988, p. 3) o Relato Oral compreende-se “[...] na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber”, e afirma que “[...] a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal”, dessa forma é possível contemplar a riqueza dos relatos orais para a pesquisa científica.

A memória foi utilizada neste trabalho como uma forma de compreender as construções sociais da história do sujeito, contada pelo agente transformador, o próprio indivíduo. As narrativas nos contam histórias migrantes afogadas no passado de quem as viveu, perdem-se também as contribuições que podem ser “[...] fundamentais no ato de contestar teorias e categorizações reducionistas a respeito dos processos migratórios e de seus protagonistas.” (Bessa, 2023).

A migração vista pela perspectiva do deslocamento de meninas mulheres para o trabalho doméstico

A industrialização dos centros urbanos faz com que a cidade seja idealizada enquanto lugar onde a população rural possa buscar melhores condições de vida pois “A ação do Estado incentiva a migração do homem do campo para a cidade, uma vez que na cidade está a escola, o emprego, o médico, enfim, a melhoria de vida...” (Paula; Júnior, 2002, p.14) ao passo que ocasiona ao meio rural a condição de se deslocar aos centros urbanos ou permanecerem sem condições de produzirem suas vidas no campo.

Nos estudos migratórios no Brasil, o meio rural é um centro de partidas onde tanto o homem quanto a mulher são migrantes em potencial. Enquanto o homem (Martins, 1986) migra no ramo da construção, em fábricas ou grandes lavouras, a mulher (Chaves, 2009), segue para o mercado doméstico, trabalhando nas “casas de família” dos grandes centros urbanos. Essa partida é um sintoma da vulnerabilidade social presente no meio rural e uma forma de reprodução do modo de vida na roça e daqueles que lá permanecem.

As mulheres e meninas saem de casa para cuidar de outra casa, um espaço historicamente segmentado por uma ordem que não se manifesta por meio de palavras diretas, mas de comportamentos e micro agressões implícitas no cotidiano. Elas constituem importante fluxo migratório interno no país, embora o termo migração não seja recorrentemente acionado enquanto narram a trajetória de suas vidas. Essa migração é caracterizada por elas como uma “viagem” ou uma “ida” que inicialmente, não duraria mais que um ano ou meses, para trabalhar em casas de família.

Os desdobramentos das funções domésticas da figura feminina provocam a necessidade da rede de apoio de outros membros de sua família, como a figura da avó, que irá garantir o cuidado dos filhos e da casa para que a mãe possa partir para benefício de todo núcleo familiar. Esse desdobramento, segundo Baptista (2011, p.55), faz com que a figura feminina em deslocamento não seja vista enquanto um indivíduo com a potencialidade de agregar ao desenvolvimento econômico.

Martins (1986) destaca que ser migrante é viver na condição de ser duas pessoas e cada uma dessas pessoas ser constituída de relações sociais conflitantes, é o sujeito que vive com a noção de que quando sair, já não retornará ao seu destino de origem sendo ele mesmo, suas relações sociais se modificam e altera a organização familiar.

Analisando a dupla identidade do migrante, exposta por Martins (1986), observamos a trajetória da volta deste sujeito ao seu local de origem, os laços com o que abandonou quando se ausentou, ao mesmo tempo, questionando para quem e para onde esse sujeito voltaria. A ação de deslocamento do sujeito que é um migrante interno e se desloca do meio rural dentre as pressões causadas pela condição de progresso capitalista, não vê escolha, senão, deixar o meio rural e buscar a sobrevivência nos grandes centros urbanos, muitos destes sujeitos saem de áreas de conflito para trabalhar temporariamente em condições de trabalho sub-humanas.

A migração feminina, segundo Chaves (2009) está atrelada a fatores culturais que reforçam os papéis de gênero e a naturalização do cuidado da família e da casa desde muito novas. Por um longo período o homem era o foco dos estudos migratórios internos do país, reforçando a ideia de um fenômeno puramente masculino atrelado a imagem do sujeito que para prover o sustento da família se desloca para a realização de trabalhos temporários.

Chaves (2009), conta que são diversas as motivações que induzem a mulher migrar do meio rural para a cidade, dentre essas motivações estão a busca pela independência, trabalho, escolarização, garantir o sustento da família no campo entre outras razões. É comum que essas meninas/mulheres recorram a parentes ou conhecidos como um meio de realizarem a migração para o trabalho doméstico, seja trabalhando na casa destes parentes ou de conhecidos dos parentes, geralmente as mulheres da família, para que "arranjem serviço" nas casas de família.

Essa troca de favores e arranjos constituem redes de migração, para Truzzi (2008) as redes revelam que existem rotas que são acionadas quando os indivíduos tomam conhecimento das oportunidades de trabalho através de pessoas conhecidas que saíram de uma determinada comunidade rural e que se tornam intermediárias no acionamento das redes e rotas, entre elas, do falar de uma para outra, recomendando às mulheres para as vagas de emprego, que são na sua maioria para o trabalho doméstico.

O gênero é um dos principais indicadores para entendermos a prevalência das mulheres na migração para o trabalho doméstico pelo fator cultural da divisão das tarefas domésticas, onde “A mulher desde criança é pensada como alguém apta a desenvolver atividades domésticas e de cuidado com as crianças menores” (Silva, 2011) conforme a naturalização dos papéis de gênero presentes na estrutura familiar.

Esse legado histórico do trabalho doméstico no Brasil faz com que seja possível elucidarmos algumas compreensões a seu respeito e sua ligação com as redes de migração interna. Conforme apresenta Hildete Pereira de Melo (1998), o trabalho doméstico é significativamente composto por mulheres, reforçando a divisão social do trabalho e os papéis de gênero, além do indicador de gênero, temos também o indicador racial, econômico e etário que apresentam um perfil de vulnerabilidade social relacionada a categoria do trabalho doméstico.

A autora destaca também, que o serviço doméstico possibilita a entrada das mulheres com baixo grau de escolaridade no mercado de trabalho, diretamente atrelado à migração de mulheres do meio rural para centros urbanos, e são inseridas no cuidado doméstico de outras famílias, em troca de moradia, pouca ou nenhuma remuneração, muitas vezes caracterizado como ajuda e não como trabalho.

Muitas dessas mulheres migraram para o trabalho doméstico precocemente, meninas cuja infância foi posta à responsabilidade da própria maturidade emocional e financeira, trabalhando nas casas de família de alta e média classes, durante todo o dia, seja lavando roupa, cozinhando, cuidando da casa ou de outras crianças e assim ajudando suas patroas ou possibilitando que estas pudessem se inserir no mercado de trabalho, como relata Melo (1998):

O serviço doméstico remunerado tem um papel importante na absorção das mulheres de menor escolaridade e sem experiência profissional no mercado de trabalho. As migrantes rurais-urbanas têm nessas atividades (...) porta de entrada para o mercado de trabalho urbano, as mulheres iniciavam esse trabalho nas casas de famílias a título de “ajuda”. Provavelmente, a oferta e os baixos salários pagos a essas trabalhadoras possibilitaram que as mulheres dos estratos de renda médios e altos ingressem no mercado de trabalho nas últimas décadas (p. 6).

A inserção de crianças e adolescentes no trabalho doméstico na casa de outros é uma prática recorrente, ocasionada pela vulnerabilidade social e econômica que faz com que essas crianças abandonem a infância por sua sobrevivência ou pela sobrevivência de

sua família que ficou para trás. São estes, empregos irregulares em que: “na maior parte das vezes, essas crianças ou adolescentes não recebem remuneração ou, quando recebem algum salário, está abaixo do mínimo nacional” (Gomes, 2003, p.33) e “(...) as condições de moradia e de horas de trabalho dependem de seus empregadores e, muitas vezes, são impróprias” (Gomes, 2003, p. 33).

A história de uma menina migrante: Dona Raimunda relembra o passado

A decadência da arte de contar história, como apresenta Walter Benjamin (1980), é cada vez mais eminente e trata-se um sintoma da modernidade, para o autor a narração está fortemente atrelada às experiências vividas e sua transmissão pela oralidade das experiências narradas. Conforme seu pensamento, a experiência é “...a fonte da qual bebem todos os contadores de história” (Benjamin, 1980, p. 21), aquilo que se escreve a partir da oralidade deve se ater à fidelidade do discurso do narrador.

A narrativa, abala a noção de tempo e as linhas que separam passado/presente/futuro, quando trazemos à luz a noção de vivermos o passado no presente cotidiano das nossas vidas e da vida dos outros. Nada fica no passado, pois estamos vivendo o passado diariamente, ao estudar as particularidades do narrador:

Um abalo no tempo, uma interrupção nos relógios, uma ruptura com os hábitos mentais da burguesia. A história não é uma especialidade com vistas à manutenção do que está estabelecido, mas a possibilidade de uma suspensão do tempo, através do relampejo de conexões insuspeitas entre o passado e o presente. É preciso narrar para que os mortos não sejam vencidos mais uma vez. A opção não é meramente estética, mas fundamentalmente política: narra-se para interromper o tempo artificial da produção maquinica, para dedicar-se a uma leitura do tempo. (Ferreira, 2011, p.126)

Mesmo que na modernidade, onde as relações sociais são abaladas pela crescente racionalização que irrompeu as barreiras do mercado e da indústria, o esvaziamento de símbolos e significados e a burocratização da vida cotidiana, narrar as histórias das nossas vidas, é a subversão da praticidade que corrompe o pensamento crítico.

Spink (2008) explica que “Virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade de uma inserção mais caótica no mundo das ações sociais; uma inserção ordinária e corriqueira - diferente daquela do especialista e do observador imparcial” (p.71).

No dia 11 de agosto de 2022 saímos de Montes Claros por volta do meio-dia, em um trajeto de carro até o município de Ponto Chique, aonde chegamos por volta das 14hrs da tarde. A praça principal da cidade está localizada na rua principal, no centro está a igreja e logo a sua frente um barzinho e alguns comércios próximos.

Deixamos nossos pertences na casa de Thaisa antes de seguirmos para o Centro de Convivência da cidade, para realizarmos a sessão do Grupo Focal, auxiliando Thaisa na condução das perguntas. Chegando lá fomos recebidas com um café da tarde, e comemos enquanto arrumamos a roda para receber as meninas. Na mesa colocamos pirulitos e bananada e posicionamos as cadeiras formando uma roda, aos poucos, elas foram chegando e a conversa correu solta, a sessão iniciou quando já estávamos em um grupo de oito pessoas. Oito mulheres, todas mais idosas que animadas, começaram a dialogar umas com as outras.

Durante a realização da roda, elas são incentivadas ao exercício da rememoração, trazendo para a roda as lembranças da vida na região, do Rio São Francisco que passa por ali, das vazantes, do batuque e da vida na roça. Entre as falas e risos provocados pelas lembranças do passado, Dona Raimunda nos conta “Eu fugi da minha própria escravidão”, a curiosidade nos toma, perguntamos a ela se ela nos receberia em sua casa para conversarmos mais sobre as desventuras que acometeram sua infância, adolescência e vida adulta.

No dia seguinte logo pela manhã, seguimos para a casa de Dona Raimunda que nos recebeu com café e castanhas, ao iniciarmos a gravação ela nos conta:

“Quando eu era pequena, eu morava em São Joaquim, meu pai era fazendeiro, minha mãe era fazendeira, mas naquela época, cê sabe que quem comandava e quem tinha mais coisa era quem pode mais, cê sabia, que um fazendeiro pra o outro era quem podia mais. Então nós veio de lá pra Ibiaí, eu tava com treis ano e 15 dias, e meu pai foi trabalhar em outras fazenda, ele já ficou sem nada né e foi trabalhar em outra fazendas e já foi servir de escravo, agregado que eles falavam naquela época, né?”

Ela nos conta que seu pai era um fazendeiro que prestava trabalho em outras fazenda na região, ela ressalta “Ele foi corrido, né? foi tirado à força! A gente foi pra Ibiaí, ele trabalhou numa fazenda perto de Ibiaí, e eu praticamente fui criada sozinha. Meu pai trabalhava, quando ele me levava o pessoal pedia...porque eu trabalhava desde pequena, eu só não tinha tamanho, mas eu trabalhava. Aí ele (o fazendeiro) falava assim Sua filha fica lá sozinha, porque cê não traz pra cá aí eu ia pra lá, eu ajudava eles varrer

casa, lavar vasilha, socar arroz, socar café, socar milho...fazia tudo, tudo, mesmo pra nós no começo também, eu fazia!”.

Com quantos anos? pergunta Maria Clara, mas Dona Raimunda não se recorda com quantos anos começou o trabalho doméstico, segundo ela:

“Desde idade de sete ano eu comecei trabaiaá pros outro, olhando menino, lavando vasilha, fazendo tudo dentro de casa que uma senhora faz, eu fazia!” ela continua, “Aí com muito tempo, meu pai arrumou uma...parceira pra ficar com ele, aí eu achei assim, fiquei...achei estranho, sabe? No início achei estranho, porque eu conheci minha mãe, ela não era minha mãe, né? Aí eu fiquei...aí eu fui pra casa de Aristeu, meu irmão, em Ibiaí. Lá tinha minha madrinha, fui batizada em Ibiaí...rebatizada, que eu acho que eu já era batizada, mas fui rebatizada lá. Aí todo dia eu fui pra escola, minha madrinha me levava, a gente...como eu te contei lá, que a gente ia trocar numa igreja de São Sebastião que tem ela lá até hoje, a gente todo dia tinha que levanta cedo, muito cedo mesmo!”

As memórias, através das lembranças e recordações, são misturadas, Dona Raimunda, fala do trabalho doméstico, da perda mãe, do Rio São Francisco e seu significado. São acionadas lembranças entre o vivido de ruim e também do bom.

“Podia tá fazendo frio, minha madrinha não tinha dó de ninguém não, podia tá trincando de frio, ela falava assim Os menino já chegaram? e quando ela fala assim Tal hora, tinha que tá aquela hora. Aí a gente trocava era...a turma de menino entra lá e tira a roupa e veste a cueca pra toma banho [...] esses menino entrava, tomava o banho deles, todos eles, aí ela gritava Todo mundo sai de dentro da água que agora é as meninas”

Você lembra a primeira vez...a primeira memória sua do rio? A primeira vez que você conheceu o Rio? “A primeira memória que eu tenho do rio foi assim...quando eu fiquei lá mesmo, eu estudava, eu tomava banho...eu gostava dos vapor, quando os vapor ficava passando, as lanchas...eu gostava, até hoje eu tenho saudade das lembranças, eu gosto...tenho saudade. Não tenho saudade do meu sofrimento!”

Neste trecho Dona Raimunda nos conta as memórias que tinha da infância na roça, e algumas das primeiras lembranças que ela tem do Rio São Francisco, símbolo presente desde as suas primeiras migrações quando criança. Ela nos apresenta uma infância marcada pelo trabalho e pelas desigualdades no campo, disputas que fizeram

com que seu pai “saísse corrido” de suas terras, a mando de quem pode mais, tempos que ela relembra como tempo de sofrimento.

Ela nos conta que uns conhecidos, parentes da mulher do irmão a levaram para a cidade de Pirapora, lá ela trabalhou para uma enfermeira “Lá eu trabalhava...ela deixou um menino comigo com três dias de nascido, e foi pra São Paulo [...] e eu fiquei tomada conta desses cinco meninos, eu era uma criança, eu era uma criança!”

“Mas eles me explorava demais gente, quando eu cheguei na quarta série, que eu estudei aqui ne Ibiaí, cheguei lá repeti até a quarta de novo, porque eu não tinha dinheiro pra pagar. Fui pra lá, o dinheiro que ela me dava num dava pra pagar! No dia que a Professora falou assim com ela assim “Ou dona Dulce, a Raimunda não vai fazer a matrícula?”, ela virou e falou assim “Não, ela num vai fazê a matrícula porque eu não to podendo pagar o estudo dela e eu tenho um tanto de menino pequeno, eu tenho cinco menino pequeno”...ela contou a história dela, ai o que que eu fiz, continuei sem estudar.”

“Daí, passado um tempo, eu já tava muito cansada mesmo de trabalhá, que desde pequena com meu pai, trabalhando socando arroz, fazendo os trem tudo [...] um dia eu pensei assim “Meu Deus”, pensei comigo, Meu Deus, eu to cansada de ser escrava. Ai eu tava vendo na televisão, as reportagens de BH, falei “Ó, lá tem serviço bom, vou pra lá. Peguei esse dinheiro, comprei a passagem e não sobrou nada pra mim”

O que te chamou a atenção lá em BH? Raimunda nos conta que a oportunidade de emprego bom com um salário melhor em Belo Horizonte despertou nela a vontade de se mudar. Com o pouco que ganhava ela comprou sua passagem e narra “Eu sei que cheguei e me sentei num banco, e fiquei lá! E o guarda passava pra lá, passava pra cá, passava pra lá, passava pra cá,e eu tô quieta, e pensando assim comigo “O guarda vai me atentar”, e atentou mesmo!” conta ela rindo, “A tentação foi de bom, nesse ponto foi bom, ele pegou “Ou menina, mas cê tá aqui desde quatro hora, que cê tá fazendo aqui?” aí eu falei assim “Não, eu vim pra cá pra mim podê pegâ um serviço, cê não sabe de um serviço?” aí ele falou assim “Cê trabaiava de que?” aí eu “Trabaiava em casa de família” falei só assim”.

Ao chegar na cidade de Belo Horizonte, Dona Raimunda, tinha 11 de idade conhece o guarda da rodoviária, que logo arruma para ela outro serviço de doméstica “Dona Aline, cê tava precisando duma pessoa, eu to com uma menina aqui, que veio do

interior é uma menina parecida muito humilde”, relata parte da ligação feita pelo guarda para a mulher interessada em contratar alguém que lhe auxiliasse no cuidado da casa.

Você via outras crianças no mesmo lugar? “Não! As crianças que tava, tava pra lá, eu sentei no banco lá de fora e as criança ficou pra lá ó, pra dentro e com os pais” ela nos conta a presença de outras crianças na rodoviária, mas diferente dela, essas crianças estavam acompanhadas dos pais, de chegada ou partida, enquanto ela também criança esperava por uma oportunidade de emprego numa casa de família. Com três meses trabalhando para Dona Aline no bairro Bandeirantes na região da Pampulha, Raimunda nos conta que na casa dos patrões, houve um assalto e ela foi rendida e amarrada pelos ladrões. Esse episódio traumático, passou a afetá-la constantemente, e a Dona Aline, considerou que seria melhor que Raimunda retornasse para a roça, afinal ela estava conseguindo auxiliar nos afazeres domésticos e consideram Raimunda muito inocente.

“Ó, vamos mandar a menina de volta, porque aqui, ela é muito humilde, ela é muito simples, da roça, ela não vai entender que que é ladrão, ela acha que todo mundo é igual eles, igual o povo da roça”. Dona Raimunda relatou que apesar de se sentir liberta da vida que levava antes de chegar em Belo Horizonte, ela não se acostumou com a vida na cidade, a agitação e o grande fluxo de veículos não faziam as saídas parecerem tão convidativas como ela pensava, sua patroa, dona Aline, não confiava em Raimunda, sozinha nas ruas da cidade, com medo de que ela se perdesse.

E Como é que foi que a senhora sentiu, quando a senhora voltou pra cá?
Pergunto a ela que diz: “Quando eu saí...quando eu voltei, eu vim de Belo Horizonte pra cá, eu fiquei um tempo sem ir, uns seis meses sem ir. Aí eu queria voltar de novo e Aristeu já falou “Não, cê vai agora é com Maria Laura” Ela relata que o irmão só permitia que ela voltasse na companhia de sua cunhada, entre as idas e vindas ela resolveu visitar a irmã que morava em Ponto Chique, que é quando ela conhece seu esposo, Francisco, com quem viajava conforme o emprego.

Com o passar do tempo, entre uma cidade e outra os filhos vieram, Dona Raimunda relata que grávida do sexto ela contou ao médico em Pirapora sua história de vida “Conversei com ele e contei a minha história, não tinha vergonha de contar não! Eu não tenho nada, eu sou uma mulher pobre”, foi então que o médico resolveu fazer o processo de ligamento, conhecido como Laqueadura das trompas. Ela conta que após a chegada do último filho ela dividia o tempo cuidando de casa e dos filhos, ao mesmo

tempo que trabalhava em outras casas. Porém, após refletir acerca dos estudos dos filhos e da falta de trabalho, Raimunda resolve partir novamente para Belo Horizonte.

“Eu falei assim “Eu vou me embora, vou me embora”.

Por ter estudado apenas até a quarta série, ela decide que essa não é a vida que ela quer para os seus filhos, a segunda filha mais velha vai na frente, acompanhada da patroa e os irmãos mais novos para Belo Horizonte, algum tempo depois Dona Raimunda e seu marido partem para o encontro com os filhos, e lá dividiram aluguel com a filha. Chegando lá, para evitar que um de seus filhos mais novos trabalhe numa fábrica de blocos de concreto devido a problemas de saúde, ela decide trabalhar em seu lugar, no entanto lhe oferecem um serviço para trabalhar na limpeza, então ela se desdobra entre cuidar dos filhos, o trabalho na fábrica e nas casas de família.

Após cerca de 30 anos morando em Belo Horizonte, Dona Raimunda retorna para Ponto Chique, onde vive até os dias de hoje. E assim ela nos narra algumas das suas muitas viagens por Minas Gerais, relatos da solidão que sentia nas chegadas e das partidas. Quando pergunto sobre as relações as quais ela estabelecia quando chegava em algum lugar ela relata o sentimento de pena por parte dos moradores locais que já estavam ali há algum tempo “Elas tava com pena de mim e que elas tava me arrumando aquele serviço, muitas vezes pra me ajudar arrecadar o meu caminho de volta”.

Além de cuidar de seus filhos, lá em Belo Horizonte ela também cuidava dos filhos de outras mulheres, somando 15 crianças, que segundo ela “Chegavam na minha porta me pedindo ajuda, abrigo, e eu dava...minha casa era grande”. Sobrinhos e filhos e outras conhecidas que migraram da roça para lá, e que ela criava e cuidava junto de seus filhos, ela acredita que “Não tava fazendo mais que minha obrigação, ajudar os outros”.

O que a senhora queria da vida? - pergunta Thaisa. “Ah, eu queria da vida é ficar sossegada. Meu filho tava estudado [...] hoje eu tô tranquila”, responde Raimunda. **A senhora acha que o lugar muda muito o destino da gente?** “Muda, muda muito! Por exemplo, igual eu que andei muito...andei e ando [...] sente sim, cada lugar que você chega, você se sente diferente, sente você ser estranha”.

Os fragmentos apresentados aqui, reforçam a dificuldade da migração de uma menina-mulher saindo de uma pequena cidade do interior do norte de Minas, para a capital do estado. Foram muitos desafios, idas e vindas em muitas casas de famílias que mudaram a forma com que ela via a si mesma, os outros e os espaços ao seu redor.

Ao formar família, ela viaja por diversas cidades ao longo do Norte de Minas Gerais acompanhando o marido, começa a ver os filhos também migrando e decide se juntar a eles na cidade grande, ela sente que entre idas e vindas ainda pertencer ao lugar de onde saiu. Mesmo no lugar de destino mantém relações com as pessoas do lugar de origem. Agora já idosa, Dona Raimunda mora em Ponto Chique e rememora tristezas, desejou melhoria com a migração, ficou recordações e lembranças diversas e dispersas conosco, sentada no banco em sua cozinha, sentindo-se em paz com seu destino.

Ao finalizarmos a entrevista, agradecemos a ela por não apenas nos receber em sua casa e nos convidar para sua cozinha, mas porque ali, Raimunda possibilitou refletirmos aspectos teóricos que aprendemos em nossos estudos através da perspectiva dela enquanto uma mulher-menina migrante, indispensável para observar o fenômeno de dentro. Essa inserção só foi possível através do exercício da rememoração, transmitido através do relato oral desenvolvido durante a entrevista, a oralidade de uma história narrada pelo sujeito histórico, nós mesmo.

Considerações Finais

Busquei desenvolver através do acionamento da memória a análise da migração. Após realizar algumas das discussões clássicas e contemporâneas acerca da migração, apresentando a visão dinâmica de um fenômeno social. Abordei a discussão sobre a categoria do trabalho doméstico e seu *afetamento* na história de vida de uma mulher migrante. Na história narrada, ficou claro como aquela que migrou várias vezes do campo para a cidade, procurando a liberdade, foi tratada nas casas dos outros como uma coisa, a doméstica era aquela que poderia ficar ou partir, de acordo com os interesses daqueles que a empregavam, o sentimento de posse sobre o outro é mascarado pelo paternalismo como uma forma de negar uma dinâmica de hierarquia historicamente datada.

Para as mulheres rurais a migração torna-se sinônimo de melhoria de vida, mas também de liberdade. Como domésticas nas casas de famílias, meninas mudam da roça para a cidade, não encontram a liberdade, são confinadas em pequenos quartos e vivem dia e noite realizando os afazeres domésticos. Muitas retornam cansadas e não saem mais, outras como Dona Raimunda seguiu indo e vindo, até que mais velha não conseguia mais trabalho, os filhos seguem migrando e ela fica na pequena cidade

ribeirinha onde nasceu. Os sonhos e expectativas são misturados na realidade da vida e assim a migração contínua entre as gerações das famílias na busca da realização dos mesmos.

O relato de suas memórias possibilita compreendermos uma das muitas histórias migrantes e suas particularidades, sobretudo em regiões que migrar é parte do mecanismo de reprodução social e econômica. Através da sua história de vida, podemos observar o fenômeno da migração através das lembranças de Dona Raimunda de um passado sofrido que hoje, permanece sendo a realidade de outras meninas que como ela viam no deslocamento para o trabalho doméstico uma forma de tornar-se independente da vida que levavam.

Ela migrou porque trabalhou desde criança, sendo esse trabalho um reflexo da vulnerabilidade social e econômica que afeta a vida na roça, e permanece trabalhando como doméstica como um meio de acessar serviços e espaços que não eram possíveis durante sua infância. Trabalha como doméstica porque as atividades da casa são corriqueiramente atribuídas à mulher desde que ela *entende por gente* e já alcança a pia e o fogão, possibilitando que essa relação com os cuidados seja transformada em força de trabalho da mulher em quaisquer uma das outras identidades sociais e culturais que ela seja.

Ela vai, mas seu destino não é permanente, a cidade de Ponto Chique passa também a ser um cenário de partidas, pois partem seus filhos e logo depois, parte ela também. De volta a Belo Horizonte, Dona Raimunda passa a receber em sua casa outras crianças, filhos de conhecidos da roça, para que estes também possam estudar e trabalhar, cria-se uma rede de rotas e deslocamentos acionados por meio de figuras como ela.

Suas lembranças relatam a vida e o cotidiano de uma menina que além de cuidar dos afazeres domésticos em sua casa, desde muito cedo auxiliava no cuidado das casas da fazenda em que seu pai trabalhava e vivia como agregado, sem tempo para sua infância ou uma remuneração por seus serviços. Raimunda sai de casa para morar com o irmão, que ajeita um serviço para ela com sua cunhada em uma casa ali mesmo em Pirapora, com uma idade de aproximadamente de 10 a 11 anos, nessa casa ela dedica todo o seu dia para a limpeza e para o cuidado das crianças de sua patroa, seus estudos passam a ficar em segundo plano para que sua patroa possa trabalhar e os filhos dela estudar.

Então, o que se pode compreender através da reflexão em torno da migração feminina no Norte de Minas Gerais com a finalidade para o trabalho doméstico? Observo uma perpetuação dos papéis de gênero condicionando o tipo de trabalho ao qual meninas e mulheres que migram de regiões afetadas pelo desenvolvimento, passam a desempenhar. O trabalho doméstico muitas vezes é suavemente descrito como ajuda “aqui de casa”, quando se trata do emprego de crianças e adolescentes.

E qual a relevância da memória e das histórias orais para a observação de fenômenos sociais como a migração feminina? As lembranças/memórias observadas a partir da reflexão que tive dos relatos de Dona Raimunda permitiram uma imersão “de perto e de dentro” (Magnani, 2002) da mulher migrante e suas observações e compreensões acerca das histórias das *viagens* realizadas por elas.

Referências

- BAPTISTA, Patrícia Gonçalves. **Imigração e trabalho doméstico: o caso português**. ACIDI, IP, 2011.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: [Benjamin, Walter]. [Horkheimer, Max]. [Adorno, Theodor W.]. [Habermas, Jurgen]: **Textos escolhidos** /seleção de Zeljko Loparic e Otilia B. Fiori Arantes. São Paulo: Abril Cultural,1980. P. 57-74.
- BOSI, E. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. DOI: 10.1590/S1678-51771993000100012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BOURDIEU, P. Efeitos do Lugar. In: BOURDIEU, P. (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-175.
- CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. **BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos**, v. 2, p. 17-32, 1994.
- CHAVES, Maria de Fátima G. Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981/1991. **Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2009**.
- DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. **The qualitative research interview**. **Medical Education**, v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 3, p. 314-332, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. P. 3-21.

GOMES, Munich Vieira Santana. **As condições e o sentido do trabalho doméstico realizado por adolescentes que residem no local de emprego**. 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

MARTINS, J.S. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão: o certo das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 1986, p. 43-61.

MEIRELLES, F.; OLIVAL, N. **Domésticas, o filme**. 2001, 02 Filmes e Imagem Filmes, 85 min, drama cômico, longa-metragem, colorido, DVD.

MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 15, n. 1, 1998

PAULA, A. M. N. R.; JÚNIOR, J. C. **Migrações internas no sertão das gerais: — a esperança de melhoria de vida**. Revista UNIMONTES CIENTÍFICA, Montes Claros, v. 4, n. 2, jul./dez. 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível. **Ciência e cultura**, v. 39, n. 3, p. 272-86, 1987.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Editora Companhia das Letras, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**, A. Edusp, 1998.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 70-77, 2008.

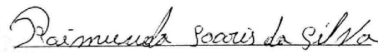
SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.

SILVA, L. C. M. Madrinha ou patroa? Significados do trabalho em casa de família. In: XI Congresso Brasileiro de Ciências Sociais Diversidade e (Des)igualdades. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

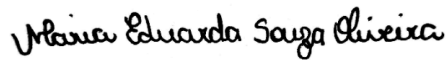
TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo social**, v. 20, p. 199-218, 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
AUTORIZAÇÃO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Por meio desta, autorizo a pesquisadora Maria Eduarda Souza Oliveira do Projeto: **“Articulação de saberes, resistência e impactos de grandes empreendimentos em comunidades tradicionais na BA, RN, PE, MG e ES”**, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª Andréa Maria Narciso Rocha de Paula, a utilizar e publicar dados fornecidos por mim, através de entrevistas, gravações e observações além de meu nome e da minha imagem em trabalhos exclusivamente acadêmicos na divulgação dos resultados do referente Projeto, para a utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, monografias e outros.



Assinatura do/da Participante



Maria Eduarda Souza Oliveira - Pesquisadora

Montes Claros - Minas Gerais, 2023